RESUMO EXPANDIDO DO AUDIOVISUAL:
"RESPEITA AS MINA" - EJA CONTINENTE 2

Autora:
Gabriela da Silva
Cooautoras:
Andreia Simões de Castro Cunha
Júlia Cristina Wessler
Karen Fabíola Navarro Sotomayor
Mariana Maragno Reinheimer
Thaynara Cristina Nunes Novaes

Prefeitura Municipal de Florianópolis – EJA Continente II
E-mail: gabi.letrasport@gmail.com
Eixo temático: Política e Gestão

"Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não "se". Não "enquanto". Eu tenho igualmente valor. E ponto final".
Chimamanda Ngozi Adichie

A sociedade patriarcal impõe a nós, mulheres, padrões de comportamento a serem seguidos que nos subestimam, que nos tornam submissas e, principalmente, que nos colocam em competição umas com as outras. Crescemos, muitas vezes, com a ideia de que não alcançaremos nossos objetivos sozinhas, convencem-nos de que precisamos da figura masculina para que sejamos completas. Esqueceram-se de nos avisar de que somos capazes de conquistar nossos propósitos com nossas próprias qualidades.

Chimamanda Ngozi Adichie, em sua obra *Para educar crianças feministas*, enfatiza que devemos ensinar a criança que ""papéis de gênero" são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa "porque você é menina". "Porque você é menina" nunca é razão para nada. Jamais" (CHIMAMANDA, 2017, p. 21).

Quando nos damos conta da nossa força, quando nos empoderamos, é um processo libertador. Na Educação de Jovens e Adultos, nós, professoras, deparamo-nos com mulheres que atrasaram e/ou abandonaram os estudos por diversos motivos, mas os principais são em relação ao seu papel histórico na sociedade (aquele mesmo com o qual queremos romper): o de ser mãe, o de ser esposa, o de se dedicar unicamente à família.

Não obstante, a escola e a família, desde a infância, ensinam-nos o que é ser menina em contraponto ao que é ser menino: brincar de boneca, e não de carrinho; usar

maquiagem, e não boné. É exigido de nós que sempre sejamos perfeitas. É exigido, também, que estejamos constantemente provando que somos boas em tudo, o que abala a nossa autoestima, o que faz com que sempre nos sintamos insuficientes.

Em *Sejamos todos feministas*, Chimamanda diz que:

> Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar "normal" que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (CHIMAMANDA, 2015, p. 14)

O masculino e o feminino são historicamente construídos e a sociedade reforça esses papéis cotidianamente. Foi assim que também vimos em nossas salas de aula no bairro Monte Cristo, da cidade de Florianópolis. Apesar de todo o esforço dessas (jovens) mulheres em retornar ao estudo, em dar conta de todas as demandas que assumiram antes mesmo de terem se tornado mulheres adultas, ainda as vemos repetindo padrões que não cabem a elas, tentando se encaixar em um modo de vida que não as representa.

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (PC-SC):

> A diferenciação de gênero tem sido historicamente construída na vida do(a) jovem e que ainda prevalece em nossa sociedade. A construção dessa diferença ainda sofre certa influência na educação de um passado que definia seu destino futuro com base em modelos ideológicos e pré-estabeleciam os papéis do homem e da mulher (SANTA CATARINA, 2005, p. 77)

Sabemos que a educação tem papel crucial no rompimento desses papéis pré-estabelecidos, e, dessa forma, buscamos maneiras de incentivar o empoderamento dessas mulheres. De acordo com a PC-SC, é dever das instituições de ensino a: 1) promoção de ações no processo educacional para a equidade de gênero, raça e etnia e orientação sexual; 2) ampliação do acesso à educação infantil: creches e pré-escola; 3) promoção da alfabetização e oferta de ensino fundamental para mulheres adultas e idosas, especialmente negras e indígenas; 4) valorização das iniciativas culturais das mulheres. 5) estímulo à difusão de imagens não discriminatórias e não estereotipadas das mulheres.

Na EJA, trabalhamos com a pesquisa como processo educativo. Dessa forma, não temos disciplinas, mas orientamos pesquisas com problemáticas levantadas pelas e pelos estudantes. No decorrer do ano de 2018, muitos dos temas de pesquisas

levantados pelas nossas alunas envolviam o debate de gênero e a desigualdade de gênero expressa em nossa sociedade, o que evidencia o cotidiano dessas mulheres: gravidez precoce; privilégio dos homens em relação às mulheres; violência contra as mulheres; racismo; doenças sexualmente transmissíveis; profissões.

Como visto na proposta curricular, é necessário e urgente que a educação repense os estereótipos impostos às mulheres, identifique as situações pelas quais elas passam e incentivem-nas à superação. No entanto, no contexto escolar, ainda vemos práticas excludentes, seja por parte das/dos estudantes ou das/dos educadoras/es. Em sala de aula, podemos evidenciar a divisão sexual do espaço de estudo, a diferenciação nas escolhas de temáticas por parte das mulheres e dos homens, a competição entre os grupos de mulheres.

Acreditamos que aqui, na EJA, espaço em que estamos cada vez mais ligadas/os à educação popular, seja essencial a discussão e a problematização de todas as formas de preconceito. Não podemos fechar os olhos para as necessidades dessas estudantes nem nos abster das discussões de gênero e a reprodução de preconceitos.

A ideia do vídeo surgiu quando o núcleo Continente II, unidade CEDEP / Monte Cristo, foi convidado a participar do "1° Festival do minuto EJA – 2018". O festival veio com a ideia de utilizar de forma consciente o celular e as mídias na produção de vídeos curtos produzidos pelos educandos.

Primeiramente, nós, professoras, pensamos que esse projeto seria uma maneira de integrar as estudantes e profissionais, além de ser uma maneira em que poderíamos manifestar de maneira artística o que pra nós é ser mulher: ser o que quisermos ser.

A proposta se iniciou com oficinas de capacitação, em que alunas/os representantes de seus núcleos participaram e depois foram multiplicadores do conhecimento adquirido. Nas oficinas, foram abordadas as seguintes temáticas: roteiro, formas de gravação e edição. Durante essas atividades, as/os professoras/es debateram com as/os alunas/os sobre o que elas/es gostariam de mostrar em suas produções, como forma de sensibilizar e mostrar que as variadas formas de abordagens são possíveis. Para o vídeo aqui inscrito, as professoras montaram uma proposta de roteiro para debater a questão sobre representatividade feminina e os espaços das mulheres na sociedade atual, convidando as alunas a produzirem frases que as representassem e estivessem de acordo com a proposta. Com o envolvimento delas na construção do vídeo, fizemos as gravações e edição, o que resultou no filme intitulado "Respeita as Mina".

Segundo Chimamanda:

> Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote.” Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (CHIMAMANDA, 2015, p. 40-41)

Dessa vez resolvemos fazer diferente. No audiovisual, reivindicamos o direito aos nossos corpos, às nossas vidas, desconstruindo a normatividade do que é e de como é ser mulher. Nós queremos mostrar a importância da educação para sermos livres de preconceitos e, principalmente, capazes de enfrentá-los.

No vídeo, seguramos cartazes com dizeres como: “Tatuagem não define caráter”, “No soy menos mujer por ser madre”, “Amar e respeitar o próximo”, “Ni una menos”, “Amor não é doença. Trate seu preconceito.”, “Minha inteligência é maior que o seu machismo”, “Parem de nos matar”, “A alma não tem cor”, “O meu cabelo não é ruim, ruim é o seu racismo”, “Estude como uma garota”.

Conforme Chimamanda: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (CHIMAMANDA, 2015, p. 57). Com essa citação, avaliamos positivamente o envolvimento das alunas na produção do vídeo e, além disso, o reconhecimento por parte delas sobre a importância de produzi-lo. Ademais, após a exibição do vídeo no festival e também os outros núcleos da EJA do município, tivemos um bom *feedback*, o que nos impulsionou a inscrevê-lo para a apresentação no COEB. Almejamos que cada vez mais pessoas se conscientizem, para que a promoção da igualdade de gêneros se propague por muitos outros lugares.

Respeita as mina! Juntas somos mais fortes!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

._____. *Para educar crianças feministas.* São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SANTA CATARINA. *Proposta Curricular de Santa Catarina*: estudos temáticos. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e tecnologia. Florianópolis: IOESC, 2005.